2

Interpretações tradicionais

A grande maioria dos estudos consultados sustenta que Platão, no *Sofista*, está seriamente engajado em uma refutação definitiva de Parmênides de Eléia. Seria ocioso elencar aqui todos estes estudos. Assim, nos limitaremos tão somente aos estudos mais significativos, uma vez que servem a contento para ilustrar uma posição que parece ser geral. Trata-se, pois, de elencar as respostas oferecidas pelos comentadores às seguintes questões: quais são especificamente as posições parmenídicas que Platão rejeita no *Sofista* quando fala em parricídio? Quais são os pressupostos de leitura levados em conta por estes autores para a obtenção de respostas filosoficamente válidas? Acreditamos que é justamente a utilização de pressupostos inapropriados para a tarefa em questão que conduziu os estudiosos a posições que serão objeto de nossa crítica.

Cornford, por exemplo, sustenta que Parmênides negou a existência de um mundo intermediário entre o “perfeitamente real” e o “totalmente não existente” (1951:199). Para Cornford, o “ser verdadeiro” de Parmênides é o Uno, o “One Being” e o de Platão é o mundo das Formas. Parmênides, nesta perspectiva, é visto como um filósofo que nega o mundo das aparências sensíveis. Assim, superando-o, Platão introduziu entre estas duas realidades, entre o “perfeitamente real” e o “totalmente não existente” outro domínio, captado por uma faculdade específica: “Platão argumentou que entre o conhecimento do perfeitamente real e a vazia ausência de qualquer consciência do totalmente irreal, nós encontramos em nós mesmos uma faculdade da Opinião ou crença (*doxa*, no sentido mais largo), que produz em nós estados de mente distintos do conhecimento em seu sentido completo e que devem possuir portanto um conjunto diferente de objetos” (1951:201). Os itens que constituem este domínio participam tanto do *ser* quanto do *não-ser*: trata-se de εἰκόνας ou εἰδωλα das Formas, ou seja, imagens. Para que a introdução deste domínio das aparências ou imagens seja satisfatória, “será necessário sustentar o que Parmênides se recusou a admitir – coisas que possuem algum tipo de existência sem serem totalmente reais” (1951:203). Ainda que

Cornford esteja correto no que diz respeito à caracterização da metafísica platônica, sobretudo no que tange à admissão de um terceiro domínio entre o *ser* e o *não ser*, não estamos certos de que a admissão deste terceiro domínio representa de fato um rompimento com Parmênides. Será que esta posição de Cornford se apóia em uma leitura atenta do modo como Platão lê Parmênides no livro quinto da *República*, local em que é realizada a discussão sobre o estatuto dos objetos sensíveis, para depois compará-la com o texto do *Sofista*?

Guthrie oferece uma interpretação das relações entre Platão e Parmênides semelhante à de Cornford. Após apontar corretamente que, ao lado de Sócrates, Parmênides exerceu forte influência sobre Platão, Guthrie sustenta a tese segundo a qual Parmênides negou, por meio de argumentos racionais, o movimento e a mudança, inviabilizando assim o estatuto inteligível da realidade sensível. Segundo Guthrie, “Platão modificou a severa dicotomia de Parmênides (...) por meio da introdução de uma categoria ontológica intermediária entre ser e não ser, especificamente o mundo do vir-a-ser” (1975:34). Esta categoria, não possuindo um estatuto completo e imutável, não poderia ser o objeto de conhecimento completo, mas apenas objeto de opinião. Assim, as “opiniões dos mortais não eram totalmente falsas como Parmênides declarou (B1.30), mas [situadas] em algum lugar entre conhecimento e ignorância assim como seus objetos estavam entre o ser das Formas e a absoluta não-entidade” (1975:35). Ao sustentar com veemência que Platão *deve* estar rompendo definitivamente com Parmênides no que tange à *doxa* e ao estatuto ontológico de seus objetos, Guthrie parece negligenciar as também frequentes e geralmente simultâneas afirmações de que foi justamente Parmênides, como veremos adiante, quem exerceu a maior influência para a realização da distinção entre a esfera do sensível e a do inteligível. Será que Guthrie deu atenção suficiente ao modo como Platão leu Parmênides antes de discutí-lo? Ou será que se limitou a tentar equacionar uma visão *standard*¹ de Parmênides com as passagens nas quais Platão se ocupa do

¹ Por visão *standard* entendemos a visão tradicional veiculada pelos manuais. Trata-se de um Parmênides que nega a multiplicidade sensível e esposa o monismo numérico, ou seja, uma posição metafísica que só admite uma única realidade, o *Ser*. Esta interpretação *standard* funda-se em uma leitura eminentemente existencial das ocorrências do verbo grego *ser* no poema de Parmênides. Esta interpretação pode ser encontrada, em suas versões mais sofisticadas, em Furth (1995) e Owen (1970).

tema?

Moravcsik, seguindo na mesma linha, sustenta que “dada a interpretação de Parmênides para o não-ser, não pode haver uma descrição inteligível de um domínio de aparências como um nível entre o ser e o não ser” (2006:186). Segundo este autor, Parmênides defenderia uma visão “monolítica” do não-ser como uma ausência de qualquer espécie de ser. Esta concepção negativa do não-ser, tomado como algo que não possui qualquer tipo de *ser*, é rejeitada no *Sofista* não apenas como algo sem qualquer possibilidade de aplicação, mas principalmente como algo ininteligível (2006:186). A introdução de uma noção relacional do não-ser, que permite um tratamento adequado da predicação negativa e da falsidade significativa, representa na perspectiva de Moravcsik a superação de uma posição genuinamente eleata. O parricídio, portanto, deve ser tomado de modo forte, pois representa não apenas a refutação de Parmênides, mas uma superação.

Pelletier inicia seu estudo sustentando que Platão toma Parmênides como o principal alvo (1990:9). Segundo este autor, a famosa passagem concernente à *symplokê*, em 259e5-6, deve ser tomada como a conclusão geral do diálogo. Ele leva a sério as passagens nas quais o Estrangeiro de Eléia sugere que Parmênides é o principal oponente a ser refutado, ignorando o fato de que, em não poucas ocasiões, os proferimentos do Estrangeiro não são feitos *in propria persona*, sendo antes representações dos movimentos típicos dos sofistas. A partir destas afirmações, Pelletier julga inteiramente razoável concluir que Platão está refutando um argumento parmenídico contra a possibilidade do discurso. As sugestões textuais, presentes no *Sofista*, que indicam a origem parmenídica deste argumento são tomadas seriamente. Para Pelletier, Platão estaria oferecendo uma solução para os problemas decorrentes de uma “teoria semântica intuitiva”, atribuída a Parmênides, segundo a qual o sentido de uma sentença é o fato a que ela se refere e o sentido de um termo singular é o objeto a que ele se refere. Como não existem fatos negativos e objetos não existentes, alvos, segundo ele, da proibição de Parmênides, não é possível admitir a significatividade de sentenças falsas e de nomes sem referência. Esta semântica realista conduziria à impossibilidade da própria linguagem, já que nos obriga a admitir a existências de

apenas uma sentença significativa. O diálogo *Sofista*, para Pelletier, só faz sentido se for tomado como o texto no qual Platão oferece a sua resposta aos problemas decorrentes desta admissão da “teoria semântica intuitiva”. A famosa sentença segundo a qual todo discurso é possível apenas por meio da tessitura das formas é tomada como a grande conclusão do diálogo.

Grube, por sua vez, afirma que Parmênides, dando continuidade às reflexões de seus antecessores, “chegou a asserir a existência do Uno, eterno e imóvel, e a negar a realidade de toda mudança e portanto de todos os sensíveis” (1958:2). Este conceito parmenídico de *Uno*, segundo ainda Grube, provavelmente conduziu Platão diretamente à noção de uma realidade abstrata independente. Nesta perspectiva, pode-se inferir que a interpretação de Parmênides implicitamente atribuída a Platão toma o *eleata* como um monista numérico, ou seja, como alguém que nega a pluralidade do mundo sensível e que acredita que o universo é composto por um único item². Ainda que não o afirme de modo explícito, portanto, não é absurdo supor que Grube provavelmente endossaria a posição de Cornford e Guthrie segundo a qual o rompimento de Platão com Parmênides consiste basicamente na introdução de um domínio capaz de dar aos objetos sensíveis um estatuto que seja.

Façamos agora um pequeno resumo do presente capítulo. O que há em comum em todos estes estudos? Como vimos acima, todos os estudos mencionados assumem que Platão empenhava-se em refutar um Parmênides que nega a pluralidade do mundo sensível. Ou seja, o alvo de Platão, a vítima do parricídio é um Parmênides que esposa, em sua ontologia, o monismo numérico, entendido aqui como uma posição segundo a qual todo o universo é composto de um único item, o Ser. Ora, não há grandes diferenças entre esta leitura platônica de Parmênides e a interpretação *standard*³, digamos assim, de Parmênides,

² Patricia Curd classifica três tipos de monismo na filosofia pré-socrática: *material*, segundo o qual o universo é composto de uma única substância fundamental que, sofrendo modificações, dá origem à pluralidade de objetos diferentes (Tales, Anaximenes); *numérico*, que postula uma única substância, não passível de modificação e mudança, a compor o universo, o Ser (Parmênides, Melisso); *predicacional*, que afirma que “cada coisa que é pode ser apenas uma coisa; ela pode conter apenas um predicado, e deve conte-lo em um modo particularmente forte” (Curd 1991:242). A autora tenta atribuir a Parmênides este tipo de monismo predicacional, que é consistente com a pluralidade de entes no universo.

³ Como já mencionamos na nota número 10, a visão *standard* de Parmênides funda-se em uma

veiculada por boa parte dos compêndios e manuais de Filosofia Antiga. E isso a despeito do fato de que Platão não estava de posse dos conhecimentos técnicos, lógicos, filológicos e históricos disponíveis ao especialista contemporâneo⁴. Em outras palavras, segundo os estudos supracitados, o modo como Platão lê Parmênides no *Sofista* é muito semelhante, na estrutura geral e nos detalhes, ao modo como os estudos contemporâneos o lêem. Julgamos esta posição inapropriada, por diversos motivos. Além de pressupor que o sentido do obscuro poema de Parmênides é suficientemente transparente e inequívoco a ponto de nos levar a acreditar que Platão o interpretava da mesma forma que nós o interpretamos, esta posição negligencia o fato de que a própria Teoria das Formas postula inicialmente, sem nenhuma justificativa em relação a Parmênides, uma pluralidade de Formas para explicar a multiplicidade sensível⁵. Mas o maior problema das interpretações abordadas ao longo deste capítulo reside na utilização de pressupostos de leitura inapropriados para investigar a influência de um pensador sobre o outro. Ou melhor, é justamente a falta de pressupostos adequados de leitura que conduziu os estudos acima a conclusões que serão objeto de nossa crítica. Todas elas adotam inicialmente, ainda que de forma implícita, uma interpretação independente de Parmênides e tentam depois determinar as relações entre Parmênides e Platão *levando em conta* esta interpretação independente. No próximo capítulo, portanto, trataremos dos problemas decorrentes da utilização deste modelo inapropriado.

interpretação existencial do verbo ser na formulação do único caminho de investigação franqueado pela Deusa. De acordo com esta interpretação, o sujeito lógico para o “é” do fragmento B2 deve ser compreendido como o que quer que possa ser estudado ou investigado. Nesta perspectiva, tudo o que pode ser legitimamente investigado deve necessariamente existir.

⁴ Ver adiante a nota 19.

⁵ Ver, a esse respeito, Patricia Curd (2004:3). Segundo esta autora, se Platão tomava Parmenides como um monista numérico, então a Teoria das Formas já representa uma espécie de primeiro paricídio, uma vez que se utiliza de um conjunto de *várias* entidades explicativas para dar conta do real. Ora, se o monismo representa um aspecto importante e essencial do pensamento de Parmênides, é difícil compreender por que este aspecto é solenemente ignorado não apenas por Platão, mas pelas teorias imediatamente subsequentes, como o pluralismo e o atomismo.